

**Redes sociais e constituição de relações amorosas funcionais na
contemporaneidade: uma investigação qualitativa.**

Giovana Baliza Peixoto

Brasília

2024

Ao longo dos anos, o conceito de amor tem atravessado transformações significativas, moldadas por complexas interações entre a cultura, a sociedade, as normas e os avanços tecnológicos. Desde os tempos antigos até a contemporaneidade, o entendimento e a expressão do amor têm mudado (Manieri, 2023; Mazel, 1988).

Na Grécia Antiga, o tema do amor ocupava um lugar de destaque e os antigos gregos desenvolveram uma classificação composta por sete palavras para elucidar as diferentes facetas desse sentimento. Primeiramente, temos o "Eros", que descreve o amor apaixonado e romântico, notável pela presença de atração sexual e ardente desejo. Em seguida, "Philia" refere-se à amizade íntima e genuína, fundamentada na proximidade emocional, no conhecimento mútuo e na benevolência. O terceiro termo é "Ludus", associado ao amor lúdico e sedutor, frequentemente relacionado a encontros casuais desprovidos de compromissos duradouros. Já "Storge" aborda o amor familiar incondicional, particularmente o afeto mútuo entre membros da mesma família. "Philautia" é a palavra que abrange o amor próprio, podendo manifestar-se de maneira saudável, fortalecendo a autoestima, ou de forma egocêntrica, caracterizando o narcisismo. "Pragma", por sua vez, descreve o amor comprometido e companheiro, baseado em sólidos compromissos e respeito a longo prazo, frequentemente presente em relacionamentos duradouros. E, por fim, o amor "Ágape" aborda o amor empático e universal, que envolve cuidar e nutrir os outros sem expectativas de recompensa, incluindo a humanidade, a divindade e a própria natureza. Essas sete palavras gregas fornecem uma rica compreensão das diversas manifestações do amor na cultura antiga e continuam a ser relevantes para nossa compreensão contemporânea desse complexo sentimento (Manieri, 2023; Mazel, 1988).

A história do amor é um espelho das mudanças nas relações humanas, revelando como valores culturais, crenças religiosas, práticas sociais e, mais recentemente, a tecnologia, influenciam a compreensão e a forma de sentir esse sentimento, tanto individualmente,

quanto coletivamente. Nesta jornada pelo tempo, a presente discussão abrangerá não apenas as metamorfoses do amor, mas também os desafios e dilemas contemporâneos. Isso inclui a interseção entre tecnologia e afeto, a objetificação do outro nas relações amorosas e o crescimento exponencial do narcisismo. Cada um desses temas lança luz sobre aspectos cruciais da experiência humana, destacando como o amor é simultaneamente um produto e um reflexo da sociedade em constante mutação (Novais et al, 2021).

Um notório exemplo de transformação ao longo dos tempos tem sido o advento da tecnologia, particularmente no contexto das redes sociais, que simplificou a interação entre indivíduos e instaurou uma dinâmica de relacionamentos superficiais, em decorrência das numerosas opções disponíveis, especialmente no que se refere aos âmbitos amorosos e de amizades (Novais et al, 2021).

Nesse contexto do espaço virtual, nota-se uma relação intrínseca com o narcisismo, que, para Bauman (2004), é caracterizado por foco excessivo no ego individual, pela busca constante por gratificação pessoal e pelo descarte rápido de relações ou objetos que não atendam às necessidades imediatas. Esse fenômeno é fortemente influenciado pela contemporaneidade, uma vez que as redes sociais frequentemente promovem uma cultura que valoriza a autopromoção e a busca incessante pela validação externa. À medida que os indivíduos se tornam objetos de consumo, há uma forte tendência ao narcisismo, tanto de exibir uma imagem idealizada de si mesmos quanto de atender às suas próprias necessidades ou desejos, descartando o outro quando não atende mais às suas expectativas ou utilidades. Isso reforça um ciclo de relações superficiais e líquidas, onde o narcisismo desempenha um papel fundamental (Novais et al, 2021).

Conforme apontado por Bauman (2004), a atual era de modernidade líquida, caracterizada por sua natureza volátil, imprevisível e repleta de informações contraditórias, tem um impacto prejudicial na habilidade das pessoas de cultivar relacionamentos

significativos, seja com os outros, seus parceiros ou até mesmo consigo mesmas. O autor entende que isso ocorre porque, ao priorizarem relacionamentos virtuais, que podem ser construídos e desfeitos com a mesma facilidade com que começaram, sem a necessidade de interações presenciais, elas se tornam incapazes de manter vínculos duradouros a longo prazo.

Nessa modernidade líquida, os relacionamentos se tornam frágeis e incertos, o que é chamado de "amor líquido". Essa situação gera insegurança e provoca desejos contraditórios nas pessoas: elas querem se aproximar de outras pessoas, mas ao mesmo tempo desejam manter uma certa distância nos relacionamentos (Bauman, 2004).

Ao contrário dos relacionamentos tradicionais, que se baseavam em compromissos duradouros, as relações virtuais têm uma dinâmica mais passageira, onde as pessoas anseiam por uma constante rotação de oportunidades românticas. Nesse cenário, é comum que essas oportunidades surjam e desapareçam rapidamente, em grande quantidade, criando uma competição intensa entre as opções, cada uma prometendo ser a mais gratificante e completa. Nessa modalidade relacional virtual é fácil sair e entrar de um relacionamento sem que se tenha responsabilidades com o outro (Bauman, 2004).

Essa forma de relacionamento virtual, na qual é simplesmente sair e entrar em um relacionamento sem assumir responsabilidades mútuas, está diretamente relacionada à ideia de relações superficiais. A facilidade com que as pessoas podem entrar e sair desses relacionamentos virtuais muitas vezes impede que laços profundos e duradouros se desenvolvam, tornando as relações cada vez mais rasas e efêmeras. Isso ocorre porque os envolvidos não sentem o mesmo grau de responsabilidade ou comprometimento que normalmente existiria em relacionamentos mais profundos e significativos na vida real, resultando em relacionamentos virtuais que, em sua maioria, são caracterizados pela superficialidade (Bauman, 2004).

Nessa mesma linha de raciocínio, o filósofo Byung-Chul Han traz importantes contribuições acerca dessa volatilidade nas relações amorosas, principalmente devido à crescente tendência ao narcisismo na sociedade contemporânea, visto que o sujeito narcísico enfrenta dificuldades em delimitar claramente limites nas relações, porque não se preocupa mais com a alteridade, ou seja, com o reconhecimento de que existe um outro diferente dele mesmo. Para o indivíduo narcísico, o mundo se torna uma projeção sombria de sua própria imagem, e a verdadeira significação só é encontrada quando consegue enxergar a si mesmo refletido de alguma forma. No entanto, esse processo muitas vezes o leva a vagar sem rumo nas sombras de sua própria identidade até que se perca em si mesmo, impossibilitando a construção de relações profundas e significativas com o outro (Han, 2017).

Nesse contexto de crescente narcisismo e volatilidade nas relações, é importante observar como as pessoas se tornaram mais focadas em si mesmas devido à cultura do consumismo e ao individualismo. O desejo pelo efêmero e pelo consumismo impactam na forma como as pessoas se relacionam umas com as outras, o que entra em conflito com ideias básicas do amor romântico, como ser fiel e manter relacionamentos duradouros. No entanto, mesmo com essas dificuldades, a ideia de amor romântico continua sendo valorizada e até mais do que antes, talvez como uma resposta à escassez de profundidade nas relações humanas no mundo atual. Essa dinâmica revela uma característica notável das relações na cultura do consumismo atual, onde há uma clara desconexão entre a experiência real do amor e a idealização do outro, que é buscada como uma maneira de preencher o vazio que muitas vezes é sentido nas vidas das pessoas (Junior & Belmino, 2021).

Essa relação pautada em um controle exagerado e doentio dificulta o aparecimento do Eros dentro dessas relações, ou seja, da experiência erótica que permite o reconhecimento da alteridade e exterioridade do outro. Então, as pessoas ficam presas no inferno do igual, sem conseguir reconhecer intensamente os atributos acerca das pessoas que se relacionam. Por

outro lado, quando as pessoas permitem a manifestação de outras alteridades, passam a ter contato com esse Eros, porque há um esvaziamento de si e a possibilidade de conhecer profundamente o outro (Han, 2017).

A necessidade de compreender o outro para ter relações significativas também faz parte das obras de Carl Rogers. Na perspectiva dele, os indivíduos têm a necessidade de tornar a noção de Eu cada vez mais realista para alcançar o crescimento pessoal. O Eu é compreendido como um conjunto organizado e mutável de percepções relativas à identidade de cada pessoa, englobando suas qualidades, defeitos e valores reconhecidos por elas próprias. Este processo de construção do Eu é influenciado pelas experiências ao longo da vida, especialmente pelas primeiras relações familiares, alcançando o sucesso quando há congruência entre a autopercepção e a realidade (Lopes & Muller, 2021).

Rogers argumenta que, para que o Eu se manifeste adequadamente, é necessário que existam relações que permitam a liberdade experiencial, possibilitando a expressão das vivências e dos fenômenos internos de cada indivíduo. Por outro lado, quando circunstâncias externas estabelecem ameaças e imposições à identidade do Eu, o indivíduo tem a tendência a falsear ou negar internamente sua realidade vivenciada, resultando na repressão de sentimentos e desejos. Portanto, para que haja atualização nas relações é necessário que haja conexões positivas e favoráveis para a conservação e valorização do Eu (Lopes & Muller, 2021).

Não é fácil permitir a si mesmo entender outra pessoa, mergulhar por completo e com empatia em sua perspectiva, mas se o indivíduo se permitir verdadeiramente compreender o outro, essa compreensão poderá provocar uma transformação nele mesmo. Essa transformação ocorre principalmente quando há espaço para o outro revelar seus sentimentos e perspectivas sobre o mundo, ou seja, a sua alteridade, tornando possível a revelação mais profunda de si, e, conseqüentemente, a conexão (Rogers, 2009).

Carl Rogers questionou os modelos de relacionamentos baseados em poder e controle, propondo uma abordagem que enfatiza a confiança mútua como seu pilar fundamental. Em sua perspectiva teórica, as relações humanas são vistas como oportunidades para o crescimento, a maturidade e a abertura em relação ao outro. Ele introduziu o conceito central de congruência, que se refere à correspondência entre o Eu de um indivíduo e sua experiência, destacando a importância da comunicação na formação de laços afetivos nos relacionamentos amorosos. Por outro lado, Rogers também discutiu a incongruência, que ocorre quando há discrepâncias na comunicação entre o Eu e a experiência, podendo causar problemas nos relacionamentos consigo e com o outro (Junior & Belmino, 2021).

Na teoria de Rogers, fica evidente que a comunicação congruente tende a promover a reciprocidade na relação com o outro, permitindo que ambas as partes compreendam e satisfaçam suas necessidades mutuamente. Por outro lado, a incongruência na comunicação pode levar ao descontentamento na relação, tornando-a desadaptada e carente de compreensão mútua. Assim, as ideias de Rogers fornecem uma base sólida para a compreensão dos complexos desdobramentos das relações interpessoais, enfatizando a importância da congruência na comunicação para a construção de relacionamentos saudáveis e satisfatórios (Junior & Belmino, 2021).

Tendo em vista o contexto abordado acima, pautado pelas relações superficiais e efêmeras, o objetivo desta pesquisa foi compreender como ocorre o desenvolvimento de relações amorosas funcionais na contemporaneidade.

Objetivos

Objetivo geral

Compreender as relações entre o uso das redes sociais e o desenvolvimento de relações amorosas funcionais na contemporaneidade.

Objetivos específicos

- a. Compreender o impacto da tecnologia e das redes sociais nas relações amorosas;
- b. Compreender o atual funcionamento das relações amorosas a nível social e cultural;
- c. Visibilizar e discutir possibilidades de desenvolvimento de relações amorosas funcionais.

Justificativas

Justificativa científica

Estudos indicam que a exposição excessiva às redes sociais podem estar associados a problemas de saúde mental, como ansiedade, depressão e solidão, impactando nos relacionamentos interpessoais. Investigar essa relação é essencial para elucidar potenciais impactos negativos na saúde. Dessa forma, o presente estudo pode contribuir para o desenvolvimento de estratégias de apoio e de cuidado psicológicos.

Justificativa social

Compreender como o cenário contemporâneo afeta o ser humano é fundamental para promover relações mais saudáveis e significativas. Além disso, é essencial orientar o uso consciente e responsável da tecnologia e das redes sociais, e compreender como elas e o narcisismo participam dessas dinâmicas relacionais.

Metodologia

Para a investigação da problemática levantada, envolvendo os fenômenos das relações amorosas na era contemporânea, principalmente com a influência da tecnologia e das redes sociais, foi necessário uma investigação da experiência vivenciada pelos sujeitos que estão inseridos nesse contexto. Neste sentido, essa investigação teve caráter qualitativo, sendo utilizado o método fenomenológico analítico-interpretativo heideggeriano.

O caráter qualitativo consiste na exploração profunda da subjetividade humana, porque lida com um conjunto de processos que estão em constante mudança, dependendo do contexto no qual o sujeito se expressa. Isso significa que a pesquisa qualitativa não busca respostas definitivas e predefinidas, mas sim uma compreensão rica e contextualizada dos fenômenos (Andrade & Holanda, 2010).

Um dos traços da pesquisa qualitativa é a sua flexibilidade. Os pesquisadores não podem traçar caminhos exatos, pois estão lidando com questões complexas que evoluem à medida que a pesquisa avança. A condução do estudo é influenciada pelo contexto em que ele está inserido. Além disso, o pesquisador desempenha um papel ativo, exercendo influência sobre a situação da pesquisa e, ao mesmo tempo, sendo influenciado por ela. Portanto, esse método de pesquisa se interessa pela singularidade dos fenômenos. Nesse processo, o pesquisador permite que a experiência seja uma via de produção do conhecimento e uma oportunidade para a construção de novas teorias (Andrade & Holanda, 2010).

Dentro do caráter qualitativo, foi utilizada a metodologia de pesquisa fenomenológico analítico-interpretativo heideggeriano, fundamentada na perspectiva filosófica e metodológica que se concentra na compreensão da experiência humana e da existência, especialmente no contexto da filosofia existencial. Essa abordagem enfatiza a interpretação profunda e a compreensão da realidade a partir da perspectiva do indivíduo e de como ele percebe o mundo ao seu redor (Gil, 2021).

Essa abordagem busca revelar significados ocultos na experiência humana e nas relações, porque vai além da descrição de essências e se concentra em descobrir significados incorporados nas experiências cotidianas. Isso é feito por meio da interpretação de narrativas produzidas pelos participantes. Além disso, outro conceito importante para Heidegger é a liberdade localizada, que está ligada aos contextos sociais, políticos e culturais, onde as escolhas individuais são impactadas por essas condições específicas. Portanto, a pesquisa

fenomenológico analítico-interpretativo busca descrever como os significados situados no mundo influenciam as escolhas e inclui uma análise das forças históricas, sociais e políticas que moldam as experiências (Gil, 2021).

De acordo com Gil (2021), o processo da pesquisa fenomenológica envolve os seguintes passos:

1. Formulação do problema: definir um problema que se relacione com a experiência vivida das pessoas.
2. Escolha da técnica de coleta de dados: optar por técnicas que permitam a livre expressão dos participantes, com a entrevista aberta ou em profundidade sendo a mais adequada.
3. Seleção dos participantes: escolher pessoas que tenham experiência no assunto em foco e sejam capazes de descrever sua vivência com precisão.
4. Condução das entrevistas: realizar entrevistas abertas e em profundidade que ajudem a concentrar o foco nos participantes, mantendo o cuidado para garantir que eles expressem livremente suas experiências.
5. Transcrição e análise de dados: transcrever as entrevistas, identificar as assertivas significativas que expressam a compreensão dos participantes sobre o fenômeno e organizá-las em conjuntos de temas que revelam padrões ou tendências.
6. Elaboração de síntese: descrever detalhadamente as ideias relacionadas a cada tema e, em seguida, criar uma síntese que integre os aspectos da experiência comuns a todos os participantes.

Dentro da pesquisa fenomenológica, os principais temas norteadores de interpretação seguirão a base teórica de Heidegger, que, ao explorar a existência do ser humano, utilizando o conceito central de Dasein, que significa literalmente "ser-aí". Este termo é traduzido como "presença". No contexto heideggeriano, Dasein, presença e ser humano são empregados

como sinônimos, todos referindo-se ao modo de ser humano. A principal ideia é a indissociabilidade entre o ser humano e o mundo, rejeitando qualquer dualismo entre ambos. Além disso, Heidegger destaca o conceito de "ser-com", rejeitando a concepção do ser humano como uma unidade isolada. Para o filósofo, o homem é caracterizado existencial e ontologicamente pela convivência, pela interação social. O mundo do ser humano é compartilhado, e a presença de outros é fundamental. O indivíduo está sempre referido a um contexto familiar, a um ambiente de trabalho, a uma localização geográfica, a uma origem cultural, ao uso de objetos produzidos por outros. Todas essas são determinações coletivas que contribuem para a construção da identidade. No que diz respeito à morte, Heidegger introduz a ideia de ser-para-a-morte, destacando que o Dasein antecipa a morte como uma possibilidade constante. A morte não é encarada como um evento futuro distante ou o fim da vida em um ponto específico no futuro; ao contrário, o Dasein é ser-para-o-fim, morrendo constantemente enquanto existe. A morte, entendida como uma possibilidade certa do fim, não completa a vida, pois o ser humano, enquanto existe, é sempre uma possibilidade em constante processo de desenvolvimento, ainda não sendo totalmente o que pode ser. Portanto, a morte é apreendida como um fenômeno antecipatório, já que na morte cessam as experiências, e enquanto se vive, a morte é antecipada como a possibilidade certa do fim.

Assim, a compreensão desses conceitos fundamentais de Heidegger contribui para uma visão mais profunda e complexa da existência humana, permeada pela conexão com o mundo, pela convivência social e pela constante antecipação da morte (Roehe & Dutra, 2014)

Participantes

Foi selecionado por conveniência um casal cisheterossexual cujas partes tinham 28 e 29 anos, considerados nativos digitais. Os critérios de inclusão exigiam que tivessem a faixa etária dos nativos digitais e experiência de relação amorosa marcada pela tecnologia e pelas

redes sociais (Instagram e outras redes/aplicativos sendo tema de questões do relacionamento, pessoas que se conheceram virtualmente e/ou se relacionaram/relacionam à distância). Além disso, a seleção dos participantes considerou aqueles com experiência de relacionamento de no mínimo seis meses e a capacidade de descrever suas vivências de forma precisa.

Para compreender sobre como percebem o amor e as redes sociais em suas vidas, foram realizados dois encontros individuais, cada um com aproximadamente uma hora de duração.

Local

Os encontros foram feitos a partir das salas de reuniões do Google Meet.

Instrumentos e procedimentos

Os instrumentos utilizados para realizar a pesquisa incluíram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), entrevistas abertas e em profundidade e gravador de áudio durante as entrevistas.

Em relação aos procedimentos, foram feitas entrevistas abertas e em profundidade que são caracterizadas por utilizar duas ou três perguntas disparadoras para "aquecer" a conversa entre o pesquisador e os participantes. A partir do que surgir do participante, o diálogo flui livremente, permitindo a expressão livre, ampla e genuína de todos os envolvidos no processo de pesquisa. Essa abordagem proporciona ao pesquisador uma variedade e um aprofundamento maiores acerca da experiência do outro (Minayo & Gomes, 2016). As perguntas disparadoras serão: “Como você entende a relação entre o amor e as redes sociais?” e “Me conte sobre o amor na sua vida”.

Posteriormente, as entrevistas foram transcritas, sendo importante lembrar que na transcrição os nomes foram fictícios para que se preserve o sigilo da pesquisa e, em seguida, foram identificadas as passagens significativas que expressam a compreensão do fenômeno. Essas passagens foram agrupadas em temas que evidenciam padrões, elucidando a criação de

uma síntese que reúne os aspectos compartilhados da experiência de todos os participantes (Gil, 2021). No que tange aos temas relevantes, a interpretação foi dividida em 4 temas principais: a) Tinder, b) Relacionamento funcional, c) Tendência atualizante e liberdade de escolha e, por fim, d) Ser-aí (Dasein), Ser-com, Ser-com-a-morte.

Resultados e discussão

Foram utilizadas quatro categorias temáticas citadas anteriormente para apresentar e discutir os resultados mais significativos a respeito da síntese da metodologia escolhida e dos objetivos de pesquisa. Vale ressaltar que os nomes apresentados dos participantes são fictícios.

a. Tinder

Na contemporaneidade, a sociedade apresenta um cenário de relacionamentos descartáveis e efêmeros que proporciona a substituição rápida das pessoas e as trata como objetos de consumo para o próprio prazer. Isso ocorre devido à alta gama de opções proporcionada pela ascensão das redes sociais, que trouxe essa dinâmica cultural rasa e pouco duradoura para os relacionamentos.

Tendo em vista esse contexto, os participantes do estudo se conheceram pelas redes sociais, especificamente através do aplicativo de relacionamentos Tinder, onde a interação é possível quando há interesse mútuo, conhecido como "match".

O Tinder, lançado em 2012 para smartphones, destaca-se como a maior comunidade de solteiros do mundo, oferecendo um ambiente online para conhecer novas pessoas. Para adentrar nesse universo, é necessário criar um perfil online, facilitando a interação com base na geolocalização, localizando perfis que estão próximos ao usuário. Uma vez configurados os parâmetros de busca, o aplicativo exibe uma variedade de perfis, permitindo aos usuários interagir por meio de um simples movimento de "like" ou "deslike", indicando respectivamente interesse ou não interesse/descarte dos perfis apresentados. Quando ocorre uma reciprocidade de interesse, conhecida como "match", abre-se a possibilidade de comunicação através de um sistema de mensagens interno, promovendo assim o contato entre os usuários que se demonstraram mutuamente interessados (Sepúlveda & Vieira, 2019).

Esse tipo de aplicativo proporciona um contexto de relações fluidas e instáveis, visto que os usuários têm facilmente diversas opções de escolhas (perfis cadastrados) e podem sair

e entrar no aplicativo quando quiserem. Bauman (2011) observa que o uso dessas redes sociais é impulsionado por duas atividades principais: conectar-se e desconectar-se. Isso reflete como a maioria dos relacionamentos se desenvolvem na sociedade contemporânea, onde há liberdade para escolher com quem interagir e decidir se manterá a conexão após o encontro (presencial ou online), tudo de forma fluida e cada vez menos estável. Durante as entrevistas, essa liberdade em desconectar-se das redes sem compromisso ficou evidente na fala do participante 02 quando foi perguntando para ele a forma como ele compreendia o amor e as redes sociais, então ele disse: “O amor se tornou uma coisa dinâmica, sabe? As pessoas sabem que se elas não estiverem felizes com alguém ou só não der certo, elas podem trocar por outra pessoa e é a visão que eu tenho, né?”. A participante 01 também trouxe um ponto interessante sobre as aparências nas redes sociais quando disse: “(...) as redes sociais são meio falsas, né? Você mostra o que você quer mostrar. E aí não necessariamente você está mostrando o amor que você tem. Às vezes é só fake news.”

Entretanto, o participante 01 destacou uma ambiguidade em relação ao uso das redes sociais, podendo ser utilizadas de forma negativa ou positiva, dependendo da escolha de cada um:

Eu acho que as redes sociais, elas acabam transformando o amor em algo superficial, então em teoria as pessoas, hoje em dia, têm a liberdade de, sei lá... como é que eu posso dizer? O amor se tornou uma coisa dinâmica, sabe? As pessoas sabem que se elas não estiverem felizes com alguém ou só não der certo, elas podem trocar por outra pessoa e é a visão que eu tenho, né?

Tem um termo que a gente usava na publicidade, de um livro que fala sobre modernidade líquida, que é justamente uma coisa que é muito superficial, que passa rápido e as pessoas estão o tempo todo querendo mudar. Ou também você tem essa

vantagem de nossa... usar a seu favor. Eu posso conhecer pessoas que eu jamais conheceria, posso me conectar com pessoas que têm algo em comum.

Apesar dos participantes terem se conhecido no cenário cultural do amor líquido, a ascensão da internet proporcionou o encontro entre eles, principalmente devido ao facilitador da geolocalização gerado pelo aplicativo. Lévy (1999) argumenta que a ideia do "impacto" das novas tecnologias sugere erroneamente uma separação entre essas tecnologias e as pessoas, assim como do contexto cultural e social em que são aplicadas. Ele enfatiza que, na realidade, as tecnologias são produtos da interação humana em contextos específicos e são parte integrante de sistemas sociotécnicos globais. O autor destaca que as tecnologias não têm um papel determinante direto na sociedade ou cultura, mas sim as influenciam, criando oportunidades e restringindo escolhas. Portanto, o uso das tecnologias é direcionado pelas escolhas individuais de cada pessoa, como evidenciado na fala do participante 01:

Se não fosse tipo, o Tinder e tals... eu não tinha conhecido ele, ele mora aqui no meu bairro, mas ele também não sai de casa, trabalha em casa, então provavelmente a gente não ia se conhecer nunca. Eu falei: nossa, mas que sorte!

Enquanto o participante 02 também ressaltou esse ponto:

(...) cada pessoa tem um uma visão diferente e assim como eu, no meu caso eu via as redes sociais como a forma de eu encontrar uma pessoa, tipo assim... no meu caso né? Tipo falando de amor...uma pessoa que provavelmente eu não conheceria jamais se fosse pelo meu ciclo de amizade, pelo local de trabalho, de estudo (...) Eu posso conhecer pessoas que eu jamais conheceria, posso me conectar com pessoas que têm algo em comum. Às vezes nem tem tanto assim em comum mas só foi possível graças às redes sociais.

Autores sugerem que o uso da geolocalização no aplicativo alimenta a ideia de intimidade móvel (Hjorth, 2012) e também aumenta a probabilidade de encontros entre os usuários, facilitando o imediatismo (Duguay, 2017). No entanto, a eficácia dessa função depende do momento, da pessoa em questão e se eles estavam dispostos a se encontrar com outro usuário, assim como do motivo pelo qual se inscreveram no aplicativo (Sepúlveda & Vieira, 2019).

O motivo do participante 02 de adentrar no aplicativo estava relacionado diretamente ao interesse de conversar e conhecer pessoas novas:

Na época eu tinha entrado só pra bater papo, eu tinha terminado o meu relacionamento tinha uns seis ou sete meses, meu anterior, e aí eu tipo... meu relacionamento antigo ele tinha meio que me deixado um pouco traumatizado em questão de interação, né? (...) Tipo assim, eu tinha medo de chegar perto de outras meninas.. , aí eu comecei devagar tipo, o processo de conhecer outras pessoas. Foi tipo... vou pelo menos conversar só virtualmente, tem que ver...

Motivado por esse objetivo, o participante 02 entrou no aplicativo e, no Tinder, o registro implica na criação de um perfil composto por nome, idade, gênero, até seis fotos, escola, trabalho, um espaço de 500 caracteres para uma biografia pessoal e interesses (Sepúlveda & Vieira, 2019). Esses pontos incluídos no perfil são os responsáveis por resultar ou não em um *match* e teve uma considerável importância no primeiro contato dos participantes da pesquisa, podendo ser observado nos seguintes trechos quando foi perguntado ao participante 01 como havia sido essa primeira interação:

Foi pelo Tinder. Ah, você vai olhando várias pessoas, né? Tipo assim, tem muita gente que tem o perfil muito simples e alguns deles são muito estranhos, tem muita gente esquisita e aí eu não lembro direito o perfil dele porque ele era um maluco, ele apagava direto o perfil aí eu não lembro muito bem como era o perfil dele, mas tinha

uma coisa meio inteligentinha assim. Eu achei legal, falei: hummm... bonito e esperto.

A partir desse trecho foi possível perceber a importância das fotos escolhidas e da descrição da biografia pessoal, que fica a critério do usuário. Apesar da participante ter se interessado pelas fotos, a junção das fotos com a descrição da biografia foi o que contribuiu para gerar o seu interesse no parceiro e, posteriormente, facilitado o *match*.

Match e conexão

A partir dos interesses em comum, da localização geográfica e da disposição dos participantes de conhecer pessoas novas, eles tiveram um *match*, ou seja, houve interesse mútuo entre ambos, que proporcionou uma abertura para iniciar o contato no chat interno do aplicativo. No chat interno, eles conversaram por pouco tempo, porque continuaram conversando por outra rede social chamada Instagram, que também tem um chat interno e, posteriormente, migraram a conversa para o Whatsapp, outro aplicativo de comunicação, sendo possível perceber essa correlação entre as diferentes redes sociais e a sua importância na fala do participante 2:

A gente conversava de vez em quando, todo dia a gente falava alguma coisa e isso sem flertar, até esse momento. Não estava tipo com algum interesse além, né? (...) E aí a gente foi pro Instagram e no Instagram a gente ficou conversando um tempinho, acho que depois de umas duas semanas basicamente, aí ela tipo... a nossa piada interna “vamos tomar um caldo?” Ela me chamou pra tomar o caldo. Aí eu peguei e falei “ah... bora mas eu estava a fim de ir num bar, tava a fim de fumar narguilé, né?” Porque tinha meses que eu não fumava, aí eu falei pra ela: você animaria de ir no putz? Aí eu falei, bora ali no putz porque é aqui pertinho mesmo e tals e aí esse foi nosso primeiro encontro. (...) Depois desse primeiro date que a gente teve, a gente

continuou conversando pelo instagram mesmo e pelo whatsapp, conversando todo dia (...).

E na fala da participante 01:

A gente combinava muito na conversa tipo assim a gente conversava o dia todo e o assunto ia e falava de vida, de faculdade, de não sei o que... fazia gracinha eu falei “Caracas... não é que tem gente que dá pra conversar direito? Logo eu que sou um pequeno podcast”. Aí eu falei ah... então vamos ver de qual que é, né!? (...). Aí eu falei “é acho que vamos aguardar pra ver o que que dá, não vou sair com mais ninguém não, deixa baixo.

Esses trechos retratam um processo de relacionamento que se inicia com uma abertura mútua entre os participantes, impulsionada pelos interesses em comum e pela disposição de conhecer pessoas novas. Essa abertura se manifesta inicialmente no contexto de um aplicativo de relacionamentos, onde ocorre o *match*, indicando um interesse recíproco. A reciprocidade é evidente na continuidade da conversa, que se expande para outras plataformas, como Instagram e Whatsapp, onde os participantes mantêm contato diário e constroem uma relação mais profunda. A participante 01 relatou que esse foi um ponto importante para despertar interesse pelo seu parceiro, porque a maioria das outras interações que teve dentro do aplicativo foram descritas como rasas:

Elas eram mais rasas, tinha gente que já queria sair de cara, tinha gente que tinha aquele papo, tipo, “E aí? Tudo bem? Ta tendo rolê aqui na casa do meu brother” e eu pensava ”não obrigada, não quero ser achada numa vala, prefiro locais públicos”

Tendo em vista esses pontos, é nítido que o diálogo desempenha um papel fundamental nesse processo, pois através dele os participantes exploraram interesses comuns, compartilharam experiências e desenvolveram uma conexão emocional. A partir daí, surge uma reciprocidade na troca de mensagens e na disposição de continuar conversando e se

conhecendo melhor. Essa reciprocidade é percebida quando ambos expressam o desejo de continuar a interação pessoalmente.

Portanto, a abertura inicial, a reciprocidade na comunicação e o diálogo contínuo foram elementos-chave nesse processo de construção de relacionamento. Essa abertura inicial também pode ser caracterizada como uma escolha, então os participantes escolheram conversar e aprofundar a relação. hooks (2020) destaca em seu livro “Tudo sobre o amor” sobre a importância da escolha consciente de se abrir para o amor: “Para praticar a arte do amor, primeiro temos que escolher o amor — admitir para nós mesmas que queremos conhecer o amor e amar, ainda que não saibamos o que isso significa” (hooks, 2020, p.172).

Esse trecho de bell hooks destaca um ponto crucial sobre o amor: a escolha consciente de praticá-lo. Ao reconhecer que querem conhecer e vivenciar o amor, mesmo sem entender completamente o que ele implica, estão abrindo as portas para uma jornada de autoconhecimento e crescimento emocional.

A ideia de escolher o amor como uma prática implica em uma decisão ativa e deliberada de se comprometer com um caminho de empatia, compreensão e cuidado mútuo. É reconhecer que o amor não é apenas um sentimento passageiro, mas sim uma ação contínua e intencional. Além disso, é importante notar que a prática do amor não é algo estático ou definitivo. É um processo em constante evolução, que exige autoconsciência, autenticidade e comprometimento mútuo. Às vezes, podem falhar ou encontrar obstáculos ao longo do caminho, mas é precisamente nesses momentos que a escolha do amor se torna ainda mais significativa.

Portanto, ao escolherem o amor como uma prática, estão se comprometendo não apenas com o bem estar do outro, mas também com seu próprio crescimento e felicidade.

A autora também ressalta a importância da comunicação como fundamental na construção de relacionamentos significativos, então a abertura inicial mencionada

anteriormente coincide com a necessidade de escolher o amor, e o próximo passo é a comunicação, que esteve presente desde o início do contato dos participantes.

b. Relacionamento funcional

Com o desencadear das conversas por meios das redes sociais e da conexão estabelecida inicialmente pelos chats dos aplicativos, os participantes escolheram marcar um primeiro encontro pessoalmente para se conhecerem melhor e, após o primeiro encontro, mantiveram o contato tanto pelas redes sociais quanto pessoalmente, sendo possível observar na fala da participante 01:

A gente se falava todo dia, nem que fosse um oi. Eu achei isso muito gayzinho, tá? Isso é muito gayzinho, muito fofo, porque se ele não mandasse mensagem, eu mandava um “Oi, boa noite”. A gente se falava todo dia. E aí no outro sábado a minha luz parou de funcionar e a minha internet também parou... Sei que eu estava usando o wi-fi do vizinho da frente, então tava baixíssima. Eu não tava conseguindo conversar. Aí eu falei pra ele “quer me fazer uma companhia não?” e ele foi! E a gente foi, tipo assim... ele no sofá e eu no outro sofá e a gente conversando a madrugada inteira. Eu falei “Nossa ele é maluco, né? Vir pra casa de uma desconhecida.” A gente comeu minha batata frita preferida. Minha recepção de casamento poderia ser naquele lugar!

A conexão entre os participantes foi estabelecida principalmente pelas conversas que tinham diariamente, sendo um fator muito importante para desencadear o namoro, de acordo com o participante 01:

Eu sempre fui muito assim, eu sempre me interessei por alguém primeiro na amizade aí depois de um tempão que eu já conheço a pessoa que eu desenvolvo algum sentimento, que é o demisexual, né? Tem que ter alguma conexão pra gostar de alguém tem que ter alguma conexão, tipo... emocional, sentimental essas paradas

assim. (...) Depois desse primeiro date que a gente teve, a gente continuou conversando pelo Instagram mesmo e pelo Whatsapp, conversando todo dia e quando foi o final de semana a gente saiu, aí depois a gente continuou saindo até que dois meses depois a gente tava namorando.

O diálogo foi um fator que sempre permaneceu no relacionamento dos participantes e foi ressaltado por eles quando perguntado qual motivo, na opinião deles, fez com que o relacionamento tivesse sucesso, como pode ser observado nos trechos abaixo:

Participante 02:

(...) eu acho que o principal da gente é o diálogo, porque é... obviamente sempre aparece problema de... não sei exatamente como falar isso, mas todo mundo é criado de um jeito, todo mundo tem suas manias, todo mundo tem uma coisa que gosta ou que não gosta e uma hora a outra isso acaba sendo assunto, né? Então se você não souber conversar sobre isso, não tiver diálogos, conseguir ceder se for o caso ou negociar... é outra coisa que daria muito ruim e pra gente aí tipo... a gente sempre costuma contornar situações. Nós conversamos bastante, inclusive muita besteira e pensamentos intrusivos... a gente ri um da cara do outro vendo questão de sonhos (Risada). É complexo.

Participante 01:

(...) a gente conversa muito assim, tudo que acontece a gente conversa, a gente não tem intriga, não tem indireta, não tem nada. Tudo que precisar falar, a gente vai e fala, dói dói, a gente conversa e está tudo certo.

Rogers (1979), em seu livro "Novas formas do amor", ressalta a importância do diálogo para o sucesso de um relacionamento. Ele discute a necessidade de expressar os sentimentos persistentes dentro de uma união continuada, destacando que a comunicação

eficaz é fundamental para construir e fortalecer os laços entre os parceiros. Ele enfatiza como a compreensão mútua pode alterar o tom do diálogo, permitindo que os casais explorem suas divergências de maneira mais profunda e coerente. Além disso, ele destaca que a comunicação significativa dos sentimentos complexos, sejam eles positivos ou negativos, contribui para o crescimento conjunto dos parceiros e aumenta as chances de um relacionamento saudável e duradouro. Assim, o diálogo emerge como um elemento essencial na construção de um relacionamento satisfatório e na superação de desafios ao longo do tempo. Para Rogers (1979), relacionamentos funcionais possuem três características básicas: primeiramente, é essencial reconhecer e respeitar a individualidade de cada parceiro, compreendendo que ambos têm vidas e interesses distintos além da vida em comum. Isso ajuda a evitar competições prejudiciais e conflitos desnecessários. Em segundo lugar, um relacionamento saudável é marcado pelo apoio mútuo ao crescimento pessoal. Rogers (1979) destaca a importância de cada indivíduo ansiar pelo crescimento do outro, reconhecendo que à medida que cada um cresce como indivíduo, ambos crescem juntos como casal. No que tange ao crescimento pessoal e mútuo, o casal também trouxe contribuições essenciais que demonstraram se encaixar dentro do conceito de relacionamento saudável desse autor, como pode ser identificado no seguinte trecho na fala da participante 01: “Acho que o principal, igual a gente sempre conversa, é questão de planos de vida, sabe? Acho que o principal pra um relacionamento é isso.”. Esse ponto também foi identificado na fala do participante 02:

É muito raro você pegar um relacionamento de adolescente que as pessoas se postam ao ponto de realmente planejarem crescer juntos, sabe? Então geralmente um relacionamento adolescente acaba, principalmente quando a pessoa já passou pela paixão, por essas questões que ela ainda não construiu nada, mas quando você já tem uma questão profissional mais consolidada, você já consegue planejar melhor as coisas, sabe? Aí não vira só uma questão de passar tempo juntos, porque você já passa

a ter mais planos, né? Se o casal quer dividir uma vida juntos, digamos assim, o próximo passo, em teoria, é morar junto, ou casar, depende da linha da pessoa, porque aí sim eles vão fazer tudo que já fazem e ainda almejar mais coisas, sabe? E isso é o que um casal faz, em teoria e na prática, né? É literalmente sobre construir a vida, né? Você tá compartilhando a sua vida com outra pessoa e escolhendo a pessoa como uma parceria, igual sei lá, você tem um sócio numa empresa, o casamento é como se fosse uma empresa, então o que você tem que fazer pra uma empresa crescer?

Por fim, o autor enfatiza que a ideia de um relacionamento perfeito, como um "casamento feito no céu", é irrealista. Em vez disso, ele destaca a necessidade de trabalho contínuo, construção e revitalização do relacionamento através do crescimento conjunto dos dois parceiros por meio do diálogo. Esses princípios fundamentais são essenciais para fortalecer a união e garantir um relacionamento duradouro e satisfatório (Rogers, 1979). No trecho abaixo, fica evidente que a comunicação é um alicerce importante no relacionamento dos participantes e evita o prolongamento de conflitos e desconfortos:

(...) Você tá compartilhando a sua vida com outra pessoa e escolhendo a pessoa como uma parceria, igual sei lá, você tem um sócio numa empresa, o casamento é como se fosse uma empresa, então o que você tem que fazer pra uma empresa crescer? Você tem que saber cuidar da parte financeira dela, tem que cuidar pra empresa ser bem vista, tem várias coisas que você faz pra manter uma empresa bem pra ter uma gestão boa da empresa e assim é o casamento. Uma gestão boa de um relacionamento é você dar atenção pra toda as áreas da vida tanto pessoal quanto profissional e tá sempre atento aos sinais, que é justamente o que o diálogo faz, no caso sei lá, comparando com uma empresa mesmo, qualquer empresa você tem a parte da contabilidade, a parte do planejamento, a parte do marketing e cada um tem a sua função, então seria basicamente isso, tem que saber cuidar dos gastos, tem que saber identificar

insatisfações, tem que ter a parte do entretenimento também, tudo tem que ser cuidado, acho que é justamente isso, dar atenção às coisas e nunca deixar situações ruins prorrogarem muito tempo, porque enquanto as situações ruins são pequenas, elas são reparáveis (...)

Para hooks (2020), a essência de um relacionamento saudável está fundamentada em princípios de igualdade, apoio mútuo e crescimento espiritual, que não está necessariamente ligado a uma religião específica, mas sim à busca por significado, compaixão e uma consciência mais profunda do mundo ao redor. Ela rejeita a noção de amor baseado em poder, controle ou exploração, enfatizando, em vez disso, a importância de uma relação baseada na igualdade de direitos e na mútua colaboração. hooks (2020) amplia a definição de amor, indo além da concepção puramente romântica, e enfatiza a necessidade de uma mistura de elementos como carinho, respeito, compromisso e comunicação aberta para cultivar um amor verdadeiro e saudável. Além disso, ela destaca a relação intrínseca entre amor e crescimento espiritual, argumentando que o verdadeiro amor envolve o compromisso de promover o crescimento não apenas de si mesmo, mas também do parceiro. Em última análise, os trechos de hooks (2020) ressaltam que o amor e o abuso são incompatíveis, destacando a importância de relacionamentos construídos sobre a base do respeito mútuo, apoio e desenvolvimento pessoal.

Os pensamentos de Rogers e hooks destacam elementos essenciais para um relacionamento saudável, enfatizando principalmente o crescimento pessoal e conjunto, além da importância do diálogo para resolver conflitos e preocupações. Ambos concordam que o amor se estabelece quando os parceiros se apoiam mutuamente em seus caminhos de desenvolvimento individual e compartilham uma comunicação aberta e honesta para lidar com desafios. Esses aspectos são fundamentais para cultivar uma relação duradoura e satisfatória e foram apresentados quando perguntado aos participantes sobre como

descreveriam o próprio relacionamento e o motivo, de acordo com eles, de conseguirem ter um relacionamento saudável e funcional:

Meu relacionamento é muito tranquilo, porque é muito de boas de forma geral, tipo a gente tem diálogo muito aberto a gente fala sobre tudo, é tipo tanto positivo quanto negativo a gente tem essa liberdade de falar se não gostou de alguma coisa ou até de polêmica, a gente consegue conversar sobre polêmicas tranquilamente sem ter uma tempestade, sabe? A gente consegue conversar com um se fosse amigo. Vários assuntos que em teoria seriam assuntos muito difíceis de lidar, a gente passa bem por eles. Acho que isso é uma das melhores coisas assim do relacionamento. (...) a gente tem abertura pra tudo mesmo, a gente consegue conversar sobre qualquer assunto assim sem sem tabu mesmo. Sempre foi assim desde o começo, desde quando a gente tava na “amizade”.

A importância do diálogo para o relacionamento é destacada neste trecho, enfatizando que mesmo que a conversa seja difícil e traga um desconforto momentâneo, é fundamental progredir em direção a uma comunicação significativa dos sentimentos complexos presentes e persistentes, tanto os ternos e amorosos quanto os hostis devem ser abordados, pois isso aumentará as chances de viver e crescer juntos. Essa comunicação profunda é essencial para evitar futuras dificuldades, sem que o problema se acumule. Além disso, é importante lembrar que o relacionamento é sempre mutável, nunca estático, então a experimentação de novas soluções é essencial para evitar a repetição de desavenças passadas, e para analisar novos enfoques.

Além disso, os participantes apontaram que para que houvesse sucesso amoroso, eles precisavam ter planos em comum, ou seja, apoiam mutuamente o crescimento espiritual, sendo possível identificar na fala do participante 02:

Acho que o principal, igual a gente sempre conversa, é questão de planos de vida, sabe? Acho que o principal pra um relacionamento é isso. E tipo assim você pode amar qualquer pessoa, digamos assim em geral. Mas o que faz dar certo o relacionamento é justamente o plano, sabe? Se as pessoas não têm um plano de vida em comum ou não quer ganhar as mesmas coisas como o plano principal, acaba que não dá certo, sabe? Porque são coisinhas básicas que no fundo acabam se tornando grandes, né? Por exemplo, uma pessoa quer ter filho e a outra não; uma pessoa quer viver viajando e a outra não; uma pessoa quer ter uma família, tudo certinho, eh... conservadoras, digamos assim e a outra pessoa quer ser bem aberta. Entendi?. Esse tipo de coisa é o que costuma mais atrapalhar relacionamentos (...)

A fala do participante destaca a importância dos planos de vida em comum para o sucesso de um relacionamento. Ela ressalta que amar alguém é uma coisa, mas o que realmente faz um relacionamento funcionar é compartilhar objetivos e aspirações semelhantes. Se as pessoas não têm um plano de vida em comum, isso pode se tornar um obstáculo significativo. Por exemplo, diferenças fundamentais em questões como ter filhos, estilo de vida ou valores familiares podem causar conflitos. Esses desacordos básicos, que muitas vezes parecem insignificantes no início, podem se tornar fonte de grandes problemas ao longo do tempo. Portanto, a harmonia em um relacionamento muitas vezes depende da capacidade de compartilhar objetivos e visões de vida comuns.

Baseado na teoria de Carl Rogers e bell hooks sobre relacionamentos saudáveis, é possível concluir que o casal entrevistado demonstra ter um relacionamento sólido e funcional. Eles demonstram uma forte ênfase no diálogo aberto e na comunicação honesta, o que é fundamental para resolver conflitos e manter uma conexão emocional significativa.

Através das citações dos participantes, percebe-se que eles valorizam profundamente a capacidade de discutir qualquer assunto, desde questões positivas até dilemas complexos, sem medo de julgamento ou retaliação. Isso reflete a compreensão mútua e o respeito pela individualidade de cada parceiro, conforme destacado por Rogers (1979).

Além disso, o casal compartilha anseio pelo crescimento pessoal e do seu parceiro, o que é fundamental para o crescimento conjunto e a manutenção de uma relação duradoura. Eles reconhecem a importância de ter objetivos e aspirações para evitar conflitos e desentendimentos futuros, como sugerido por hooks (2020).

Ao abordar questões como apoio mútuo ao crescimento pessoal, compreensão, comunicação aberta e compartilhamento de objetivos, o relacionamento dos participantes reflete os princípios fundamentais delineados por Rogers e hooks. Portanto, com base nessas teorias, é seguro afirmar que o casal entrevistado possui um relacionamento saudável e funcional.

c. Tendência atualizante e liberdade de escolha

Bauman (2004) e Han (2017) argumentam que as relações humanas contemporâneas são caracterizadas pela superficialidade, pela liquidez e pela falta de compromisso. Eles observam uma tendência em direção à individualização, ao descarte e à desconexão, resultando em uma dificuldade em estabelecer conexões genuínas e significativas, principalmente no que tange ao amor. Essa visão reflete uma crítica ao comportamento humano perante a tecnologia, principalmente às redes sociais, ressaltando o caráter descartável dos relacionamentos na sociedade moderna. Entretanto, essa perspectiva considera o ambiente como determinante do comportamento humano, sem levar em consideração a liberdade de expressão e de escolha de cada pessoa.

Ao longo de sua obra, Sartre enfatiza a centralidade da liberdade na condição humana, concebendo o homem como o protagonista de sua própria história e, ao mesmo tempo, como um agente na história da humanidade. Essa liberdade não se resume a simples escolhas arbitrárias, mas se revela como uma capacidade de decidir diante de situações específicas, onde se desdobram múltiplas possibilidades de existência. Neste contexto, a liberdade não é apenas uma questão de escolha momentânea, mas uma decisão que transcende o presente em direção a um futuro a ser construído, caracterizando-se como um compromisso ontológico. Essa compreensão da liberdade está intrinsecamente ligada ao conceito de responsabilidade. Mesmo em face de circunstâncias adversas, o indivíduo é responsável por suas ações, assumindo o controle sobre seu próprio destino. No entanto, a liberdade enfrenta constantemente o desafio da alienação, que pode influenciar fortemente as decisões devido às expectativas externas. Apesar disso, Sartre argumenta que o homem está condenado à liberdade, pois esta é uma característica inerente à sua condição humana. Assim, a liberdade emerge como o cerne da experiência humana, expressando-se através das escolhas e das responsabilidades assumidas pelo sujeito. Mesmo diante das influências sociais e históricas, o

homem continua a ser o arquiteto de seu próprio destino, mantendo-se como sujeito ativo na construção de sua própria história (Schneider, 2006).

Ainda em relação à liberdade, a Abordagem Centrada na Pessoa, desenvolvida por Rogers (1979), emerge como uma propagadora da liberdade individual, permeando cada aspecto de sua filosofia psicoterapêutica. O autor fundamenta sua prática na premissa de que cada pessoa é livre para fazer escolhas e explorar diferentes opções, essencialmente visualizando o ser humano como um agente autônomo em seu próprio desenvolvimento. Para ele, a psicoterapia é um processo que visa facilitar a ativação do potencial humano inato, capacitando o indivíduo a vivenciar sua liberdade existencial. Este conceito de liberdade vai além das influências externas, pois trata-se da experiência subjetiva de ter escolha e responsabilidade sobre a própria vida.

Em sua visão, a realidade é subjetiva, moldada pela consciência de cada indivíduo, que tem a capacidade de significar e optar por seu próprio caminho. Essa consciência interna é a própria essência da liberdade, algo intrínseco ao ser humano, que mesmo diante das tentativas de repressão social e cultural, se houver as mínimas condições facilitadoras, a influência externa não é capaz de impedir o crescimento e a busca pela atualização.

Rogers enfatiza que a psicoterapia centrada na pessoa se caracteriza como uma condição facilitadora e busca promover a liberdade interior do indivíduo, permitindo que ele se torne mais plenamente consciente de si mesmo e de suas potencialidades. Quanto mais a pessoa se engaja nesse processo de autoconhecimento e crescimento, mais ela experimenta a sensação de liberdade de escolha e ação (Leitão, 1990).

Além da psicoterapia, Rogers (2017) destaca que as condições facilitadoras podem ser encontradas em outras áreas da vida e, em relação aos participantes, mesmo com a forte influência das condições sociais e culturais, eles encontraram essas condições dentro do próprio relacionamento, que é atravessado pela empatia, congruência e aceitação

incondicional, constituindo uma relação funcional que proporciona o crescimento para ambos, visto que a liberdade do eu tem espaço para ser expressada sem julgamentos.

Tanto Rogers quanto Sartre oferecem visões existencialistas sobre a liberdade humana, embora com abordagens distintas. Em suas obras, ambos destacam a centralidade da liberdade na experiência humana. Para Rogers, a liberdade é intrínseca à natureza humana e ele enfatiza a importância da autenticidade e da congruência na expressão do eu. Para ele, ser livre significa ser verdadeiro consigo mesmo, seguindo os próprios valores e necessidades internas. Além disso, Rogers acredita que a liberdade envolve a capacidade de fazer escolhas significativas que promovam o crescimento pessoal e a autorrealização.

Sartre também aborda a liberdade como uma característica inerente à condição humana. Para ele, os seres humanos são essencialmente livres, responsáveis por todas as escolhas e ações. Ele argumenta que a liberdade é uma condição angustiante, pois implica a total responsabilidade pelas escolhas tomadas. Ele rejeita a ideia de determinismo e enfatiza a importância da escolha como uma expressão da liberdade humana. Para ele, a liberdade está intrinsecamente ligada à capacidade de criar significado na própria vida, mesmo em um mundo aparentemente desprovido de sentido.

Ambos os pensadores concordam que a liberdade está intimamente ligada à responsabilidade. Para Rogers, a liberdade implica responsabilidade pessoal na busca pela autorrealização. Da mesma forma, Sartre argumenta que o ser humano é responsável por todas as decisões que escolhe e deve assumir a responsabilidade total por elas.

Apesar das diferenças em suas abordagens, Rogers e Sartre compartilham uma visão existencialista da liberdade, enfatizando sua importância na experiência humana e na busca pela realização pessoal e pelo sentido da vida. Dessa forma, as perspectivas de Rogers e Sartre sobre a liberdade oferecem um contraponto otimista à visão de Bauman e Han.

d. Ser-aí (Dasein), Ser-com, Ser-com-a-morte

A metodologia adotada na pesquisa explorou três conceitos importantes para Heidegger, que entende que a compreensão do ser humano está diretamente relacionada com os conceitos de ser-aí (Dasein), ser-com e ser-com-a-morte. Dasein refere-se à maneira particular pela qual os seres humanos existem no mundo. Representa uma consciência ativa que constantemente questiona o curso de sua vida, desafiando a mediocridade da alienação e buscando uma compreensão autêntica do self, apesar disso, Dasein é inseparável do mundo ao seu redor, sendo influenciado por ele enquanto simultaneamente o influencia, portanto, o ser humano é visto como dinâmico e nunca estável, constantemente se conhecendo e se apropriando de sua própria essência, em contraposição à influência social e cultural. Além disso, assumir a responsabilidade pela própria existência implica em uma maior consciência e abertura, que só são alcançadas mediante a reflexão consciente e a ausência dessa reflexão pode levar a uma existência passiva, seguindo a corrente e se tornando apenas uma subsistência dos outros. Em suma, o conceito de Dasein pode ser compreendido como uma consciência que orienta a busca por significado e autenticidade na jornada existencial. Esse primeiro conceito pode ser observado nos participantes da pesquisa, pois eles encontraram maneiras singulares de existirem no mundo, mesmo havendo uma grande influência do contexto social e da cultura (Roehe & Dutra, 2014), como pode ser observado no trecho abaixo da participante 01:

(...) A gente se falava todo dia. E aí no outro sábado a minha luz parou de funcionar e a minha internet também parou... Sei que eu estava usando o wi-fi do vizinho da frente, então a conexão tava baixíssima. Eu não tava conseguindo conversar. Aí eu falei pra ele “quer me fazer uma companhia não?” e ele foi! E a gente foi, tipo assim... ele no sofá e eu no outro sofá e a gente conversando a madrugada inteira. Eu falei “Nossa ele é maluco, né? Vir pra casa de uma desconhecida.” Depois a gente

comeu minha batata frita preferida. Minha recepção de casamento poderia ser naquele lugar!

Nesse trecho fica evidente que, apesar das circunstância, ou seja, a falta de energia e consequentemente a impossibilidade de utilizar a internet para se comunicar, a participante 01 escolheu de forma singular como iria continuar conversando com o seu parceiro, mesmo com a presença de obstáculos do contexto social. Para ela chegar nessa solução, precisou parar e refletir a respeito do que poderia fazer naquele momento com as condições que tinha e decidiu propor uma conversa pessoalmente, que resultou em um momento inusitado, mas certamente muito agradável para os dois, que contribuiu para que a conexão se estreitasse entre eles.

Em relação ao participante 02, também foi possível observar essa forma singular e consciente de existir no mundo quando a participante 01 fez uma viagem e o convidou:

(...) Igual, ela foi viajar pra Goiânia e aí quando ela viajou pra Goiânia a gente já tava saindo já tinha uns dois ou três finais de semana e aí ela queria que eu fosse junto, ela me convidou mesmo pra viagem. E aí eu tipo... queria ir, mas eu tava... não tinha como, porque eu não estava trabalhando e tudo mais. E foi uma coisa meio contraditória porque meu contrato, né? Tava assinando como MEI... Meu contrato acabou um dia antes dela viajar. Aí a questão do tempo já não era o problema, teria como eu ir porque eu teria tempo. Aí eu falei “ixi e agora?”. Também vou estar com grana limitada, até porque MEI não tem benefícios igual CLT, né? Que você tem todos os benefícios quando você sai do trabalho, então eu tava bem limitado de grana, mas aí tipo... a gente foi conversando e ela foi me fazendo vontades obviamente, né? Fazendo de zoeira “Nossa, olha isso, estou numa cafeteria”. Aí eu amo cafeteria, aí eu ficava olhando assim... e pensando “Putz, eu podia estar lá...” Ou então ia num bar

específico aí eu ficava de novo, “Putz, eu podia estar lá...” E aí acabou que eu fui!

(...)

No momento da viagem, o participante 02 não estava trabalhando e, conseqüentemente devido às condições de trabalho a qual foi contratado, não recebeu benefícios quando saiu, então estava com dinheiro limitado e contado. Apesar do contexto social não ter colaborado com o convite para a viagem, o participante decidiu que iria mesmo assim, sem reproduzir automaticamente o que a influência social ou cultural propagariam em uma situação de desemprego.

Em relação a definição de ser-com, Heidegger destaca que a existência humana não é solitária, pois os indivíduos estão sempre inseridos em um mundo compartilhado com outros seres humanos. Ser-com refere-se à maneira como as pessoas se relacionam, interagem e se influenciam mutuamente dentro deste contexto compartilhado. Em resumo, ser-com destaca a importância das relações interpessoais e da coexistência dos seres humanos em um mundo em comum, enfatizando que a existência só pode ser compreendida adequadamente considerando-se a presença e a influência dos outros, podendo ser positivas ou negativas (Roehe & Dutra, 2014).

Durante os encontros, o participante 02 compartilhou aspectos de uma relação que o influenciou perante a sua vida amorosa:

O primeiro contato que a gente teve foi pelo Tinder. A gente deu match no Tinder. E a gente começou a conversar. Aí beleza. Trocamos uma ideia no Tinder bem rapidinho. Na época eu tinha entrado só pra bater papo, eu tinha terminado o meu relacionamento tinha uns seis ou sete meses, meu anterior, e aí eu tipo... meu relacionamento antigo ele tinha meio que me deixado um pouco traumatizado em questão de interação, né? Deixa eu só tentar explicar mais ou menos como é que foi... ela era uma pessoa extremamente ciumenta e eu não podia interagir com outras

mulheres, sabe? Tipo, ela bloqueou... eu não podia ter amiga e eu tenho três irmãs, né? Então meu ciclo sempre foi de mulher. Sempre teve mais mulher em volta, então meio que depois que eu tinha terminado, eu não estava mais querendo chegar perto de ninguém, sabe? Tipo assim, eu tinha medo de chegar perto de outras meninas, aí eu comecei devagar tipo, o processo de conhecer outras pessoas. Foi tipo... vou pelo menos conversar só virtualmente, tem que ver... Vai ficar mais tranquilo e foi assim basicamente (...)

Nesse trecho, ele compartilhou que, durante um tempo, sentia um bloqueio ao conversar com outras mulheres porque a ex namorada tinha muito ciúmes e pedia para que ele bloqueasse e não interagisse com o sexo feminino. Essa experiência teve impacto na existência singular do participante, sendo necessário pequenos passos iniciais e um tempo para que ele voltasse a se abrir de forma mais congruente para o amor.

A relação com o outro, principalmente com a família, também foi presente na constituição da participante 01, sendo possível perceber em sua fala quando perguntado sobre o que mudou depois do pedido de namoro:

Eu sentia mais como se eu tivesse uma “responda” assim tipo, caracas agora eu namoro e agora? Meu Deus, nunca passei dessa fase! Eu fiquei pensando... nossa ele vai ter que conhecer a minha família louca e eu vou ter que conhecer a família dele. Eu estava pensando, nossa, vou ter conhecer a família e tals. A família dele fez foi me adotar. A família dele é muito unida, eu não sei como isso funciona, porque no meu mundo isso não existe. (...)

Além disso, ela descreveu como é a sua interação com a família do namorado:

A família dele são tipo “uhuuu, vamo lá”, eu é que não sou, geralmente eu sou mais... (expressão de desânimo), mas to indo assim... eles gostam muito de contato, de ficar

vendo e é todo domingo almoça junto, uma coisa que não é do meu convívio assim geralmente, mas... eu fui me acostumando.

Nota-se nesses trechos que o ser-com da participante 01 teve uma constituição inicial de desunião, instabilidade e insanidade, de acordo com ela. As interações que teve com a família influenciaram na sua forma de existir no mundo, mas como é um aspecto mutável e dinâmico, ela se adaptou à nova forma de funcionamento que encontrou na família do seu companheiro, assim como o participante 01 também ressignificou a relação com o amor e a interação com mulheres.

No que tange ao último aspecto, ser-com-a-morte, Heidegger argumenta que a consciência da morte é uma característica essencial da existência humana, e não algo separado ou distante da vida cotidiana. Ele destaca a consciência humana da finitude da vida como uma força motriz fundamental para a existência. O ser humano, ciente de sua própria mortalidade, é impulsionado a refletir sobre o significado e o propósito de sua existência. Essa consciência da finitude não apenas desperta uma busca por significado, mas também influencia as escolhas e os valores estabelecidos ao longo da vida. A percepção da mortalidade torna-se a única certeza inabalável que orienta o curso da existência humana, incentivando a busca por realizações significativas e o cuidado com a própria vida. Assim, o ser-com-a-morte não apenas delinea a consciência da finitude, mas também molda os valores e direções da vida humana (Roehe & Dutra, 2014). Esse último aspecto pode ser observado claramente na fala da participante 01 quando perguntado sobre a possibilidade do relacionamento acabar:

A gente conversou disso há uns dias atrás, acredita? A gente tava falando “e se a gente terminasse?”, aí ele falou: será que a gente conseguiria ser amigo? Aí eu falei: ah, eu conseguiria. Porque de começo eu falei que queria ser amiga dele, né? Eu falei que queria ser sua amiga, independente do que acontecesse com a gente, aí ele falou

que ele acha que não conseguiria porque o sentimento que ele tem por mim ele acha que não conseguiria separar, eu até consigo, mas aí eu acho que a gente só separaria, digamos aí em bons termos, então acho que não seria sofrimento nenhum não, mas eu ficaria bem triste, mas iria fazer o que? Ele quer ir, ele vai. Não vou poder segurar. Eu acho que eu continuaria vivendo, saindo pros meus rolês, estudando, porque provavelmente eu vou voltar pra faculdade.

Quando a participante 01 fala sobre a possibilidade do relacionamento acabar, ela demonstra uma aceitação da finitude e a inevitabilidade das mudanças na vida. Ela expressa a ideia de que, apesar da tristeza, ela continuaria vivendo e seguindo em frente com suas atividades. Isso reflete a ideia de Heidegger de enfrentar a realidade da finitude (morte) e, conseqüentemente, viver de forma autêntica. A participante está reconhecendo a possibilidade de término (uma forma de "morte" do relacionamento) e sua disposição para seguir em frente mostra uma aceitação da finitude da vida e das relações, alinhada com a ideia de ser-com-a-morte. A mesma pergunta foi feita para o participante 02 e inicialmente ele disse que a ideia do término é algo difícil de imaginar, visto que eles estão planejando se casar e que sofreria bastante:

E não sei exatamente porque é muito vago pensar nessa possibilidade agora, porque tipo, eu to num momento de construção de carreira, tô estudando, tô focado nas minhas coisas, então assim... hipoteticamente pro meu relacionamento acabar agora teria que ser algo bem trágico de uma hora repentina, porque a gente tá planejando casar, mas provavelmente eu iria fazer o que eu sempre faço, que é ficar bem na minha, tentar mudar hábitos, cortar redes sociais e focar bem mais em mim mesmo, tipo a parte que tinha no relacionamento seria focada totalmente no profissional, mas mentalmente falando assim, se acabasse eu ficaria bem devastado, precisando de terapia, obviamente.

Apesar de compartilhar que essa perda seria muito dolorosa, o participante 02 também elucidou que provavelmente conseguiria se restabelecer, descrevendo da seguinte forma:

O ser humano é basicamente vivência, então mesmo com términos ou algo assim a gente sabe que em algum momento depois acaba conhecendo alguém e isso é uma coisa saudável, de fato, no meu ponto de vista, se você conhece uma pessoa já sabendo lidar com seus próprios problemas, então me restabelecer seria isso, que eu conseguisse identificar que aquele sentimento já não ta mais me consumindo, sabe? Já ter conseguido dar a volta por cima, mas sempre iria ter uma cicatriz porque uma situação dessa nunca ta 100% resolvida, mas tem um momento que você sabe que você consegue começar uma página nova da vida.

A partir desse trecho é possível perceber que o entrevistado enxerga a consciência da morte como um catalisador para novos começos e para uma vivência mais autêntica. A capacidade de iniciar uma nova fase da vida, após reconhecer e integrar a experiência da perda, está em linha com a ideia de que a mortalidade impulsiona a reavaliar as prioridades e viver de forma mais significativa.

A pesquisa evidencia que os conceitos de Heidegger sobre a existência humana são profundamente aplicáveis às experiências cotidianas. Os participantes demonstraram formas singulares e conscientes de existir no mundo, influenciados por suas relações e pela consciência da finitude. Essas vivências refletem a busca constante por autenticidade e significado, característica do Dasein heideggeriano. A consciência da morte, longe de ser uma força paralisante, emerge como um catalisador para a reflexão e a reavaliação das prioridades, incentivando uma vivência mais plena e significativa. Em suma, os conceitos de ser-aí, ser-com e ser-com-a-morte se revelam essenciais para uma compreensão profunda e autêntica da existência humana, como ilustrado pelas experiências dos participantes desta pesquisa.

Considerações finais

Na era contemporaneidade, as redes sociais emergem como ferramentas complexas que refletem as dinâmicas dos relacionamentos humanos. Embora autores como Bauman e Han tenham pintado um retrato pessimista do impacto das tecnologias, especialmente das redes sociais na interação dos seres humanos, é importante reconhecer que essas plataformas também podem servir como espaços de conexão e expressão genuína, dependendo da escolha singular e particular de cada pessoa frente a esse contexto.

A visão pessimista de Bauman e Han destaca os perigos da superficialidade, da falta de comprometimento e da ilusão de escolha infinita nas interações online. No entanto, o existencialismo de Sartre oferece uma lente valiosa para entender o papel da liberdade e da responsabilidade na era digital ao reconhecer que os seres humanos são seres livres e responsáveis por suas escolhas, eles podem assumir um papel ativo na forma como se relacionam e interagem nas redes sociais, buscando autenticidade, conexão genuína e significado em suas interações online. Além disso, a abordagem mais otimista de Rogers sugere que os indivíduos têm a capacidade de se adaptar e crescer, caso tenham as mínimas condições favoráveis para a atualização, inclusive dentro do contexto das redes sociais, utilizando-as como ferramentas para a autorrealização e o desenvolvimento pessoal.

Na pesquisa em questão, os participantes encontraram condições favoráveis para o desenvolvimento de um amor funcional dentro do próprio relacionamento, sendo possível identificar claramente características de um relacionamento saudável, de acordo com bell hooks, envolvimento de amor, respeito, diálogo e escolha diária de dedicar cuidados ao parceiro.

Portanto, em vez de adotar uma visão estritamente pessimista ou otimista das redes sociais, é essencial reconhecer a complexidade dessas plataformas e o papel ativo que as pessoas podem desempenhar na construção de relacionamentos significativos, tanto online quanto offline. Esse papel ativo implica em escolher como perceber a utilidade das redes sociais, seja considerando-as como obstáculos ou como ferramentas facilitadoras para criar conexões profundas socialmente, principalmente no que abrange o amor, como abordado na pesquisa em questão.

Referências

- Andrade, C. e Holanda, A. (2010). Apontamentos sobre pesquisa qualitativa e pesquisa empírico-fenomenológica. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 27, 259-268.
- Bauman, Z. (2004). *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. (C. Medeiros, Trad.) Editora Schwarcz-Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 2003).
- Duguay, S. (2017). Dressing up Cinderella: interrogating authenticity claims on the mobile dating app Tinder. *Information, Communication & Society*, 20(3), 351-367.

- Gil, A. (2021). Como fazer pesquisa qualitativa. São Paulo: Atlas, 1.
- Han, B. (2017). Agonia do Eros. (E. Giachini, Trad.) Vozes. (Trabalho original publicado em 2012).
- Hjorth, L. e Lim, S.S. (2012). Mobile intimacy in an age of affective mobile media. *Feminist Media Studies*, 12(2), 477-484.
- hooks, b. (2020). Tudo sobre o amor. Editora Brasiliense.
- Junior, E. e Belmino, M. (2021). O ciúme romântico nos relacionamentos amorosos: enfoque na abordagem centrada na pessoa.//Romantic jealousy in love relationships: focus on the person-centered approach. *Brazilian Journal of Development*.
- Leitão, V. (1990). Liberdade em Carl Rogers.
- Lévy, P. (1999). Cibercultura. Editora 34.
- Lopes, J. e Müller, F. (2021). Transversalidades na abordagem centrada na pessoa: diálogos, possibilidades e contribuições. Pimenta Cultural.
- Manieri, D. (2023). A hermenêutica do mundo grego antigo: vocabulário. Editora Fi.
- Mazel, J. (1988). As metamorfoses de Eros: o amor na Grécia Antiga. Martins Fontes.
- Minayo, M. (2016). Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. In M. C. S. Minayo (Ed.), *Pesquisa social: teoria, método e criatividade* (pp. 56-71). Editora Vozes.
- Novaes, A. et al. (2021). Eros em agonia e liquidez do amor – O eu e o outro em Chul Han e Bauman. In: *Anais do 10º CONINTER - Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades*. Niterói(RJ): Programa de Pós-Graduação.
- Roche, M. e Dutra, E. (2014). Dasein, o entendimento de Heidegger sobre o modo de ser humano. *Avances en Psicología Latinoamericana*.
- Rogers, C. (1979). *Novas Perspectivas do Amor*. Editora: Livraria José Olympio Editora S.A.

- Rogers, C. (2017). Tornar-se pessoa. (M. Ferreira & A.Lamparelli, Trad.) WMF Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1961).
- Roehre, M. e Dutra, E. (2014). Dasein, o entendimento de Heidegger sobre o modo de ser humano. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 32(1), 105-113.
- Sartre, J. (1946). *O Existencialismo é um Humanismo*. Editora: Vozes De Bolso.
- Schneider, D. (2006). Liberdade e dinâmica psicológica em Sartre. *Natureza humana*, 8(2), 283-314.
- Sepúlveda, R. & Vieira, J. (2019). Lógicas de funcionamento do Tinder. Uma análise da aplicação e das percepções dos utilizadores. *Teknokultura: Revista de Cultura Digital y Movimientos Sociales*, 16(1), 75-90.
- Wertonge, B. (2018). Amor Líquido e o uso de Aplicativos de Relacionamento: Análise da Campanha Publicitária do Tinder na Visão Baumaniana.

Anexos

Anexo A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

“A constituição de relações amorosas funcionais na contemporaneidade: uma investigação qualitativa”

Instituição do/a ou dos/(as) pesquisadores(as)/Instituição Proponente: Centro Universitário de Brasília – UniCEUB

Pesquisador(a) responsável: Amanda Maria de Albuquerque Vaz
Pesquisador(a) assistente: Giovana Baliza Peixoto

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa acima citado. O texto abaixo apresenta todas as informações necessárias sobre o que estamos fazendo.

O nome deste documento que você está lendo é Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Antes de decidir se deseja participar (de livre e espontânea vontade) você deverá ler e compreender todo o conteúdo. Ao final, caso decida participar, você será solicitado a assiná-lo e receberá uma via do mesmo.

Antes de assinar, faça perguntas sobre tudo o que não tiver entendido bem. A equipe deste estudo responderá às suas perguntas a qualquer momento (antes, durante e após o estudo).

Natureza e objetivos do estudo

- Você está sendo convidado a participar desta pesquisa que tem o(s) objetivo(s) compreender como ocorre o desenvolvimento de relações amorosas funcionais na contemporaneidade.

Procedimentos do estudo

- Sua participação consiste em participar de duas a três entrevistas em dias alternados com o tema: “Amor na contemporaneidade” que durará cerca de 1 hora cada.
- O/os procedimento(s) é/são a participação das entrevistas por meio de plataformas on-line que permitam a gravação do áudio e imagem.
- (X) Estou de acordo com a utilização da minha imagem neste estudo.
- () Não estou de acordo com a utilização da minha imagem neste estudo.
- A pesquisa será realizada em uma plataforma digital (google meet) com a solicitação ao participante de escolher um ambiente que tenha silêncio e privacidade para o desenvolvimento da entrevista.

Riscos e benefícios

- Este estudo possui baixos riscos, sendo eles possível mobilização e desconforto emocionais.
- Considerando os riscos potenciais deste estudo, caso seja necessário, será garantido o direito à assistência (imediate, integral e sem ônus) ao participante, devido a danos decorrentes da participação na pesquisa e pelo tempo que for necessário (Resolução CNS nº 466 de 2012, itens II.3.1 e II.3.2).
- Caso esse procedimento possa gerar algum tipo de constrangimento, você não precisa realizá-lo, ou poderá interromper sua participação a qualquer momento.
- Com sua participação nesta pesquisa você poderá/terá contribuir para o desenvolvimento de estratégias de apoio e de cuidado psicológicos, além de contribuir para maior conhecimento sobre como o cenário contemporâneo afeta o ser humano

Participação, recusa e direito de se retirar do estudo

- Sua participação é voluntária. Você não terá nenhum prejuízo se não quiser participar.
- Você poderá se retirar desta pesquisa a qualquer momento, bastando para isso entrar em contato com um dos pesquisadores responsáveis.
- Conforme previsto pelas normas brasileiras de pesquisa com a participação de seres humanos, você não receberá nenhum tipo de compensação financeira pela sua participação neste estudo.

Confidencialidade

- Seus dados serão manuseados somente pelos pesquisadores e não será permitido o acesso a outras pessoas.
- Os dados e instrumentos utilizados ficarão guardados sob a responsabilidade de Amanda Vaz com a garantia de manutenção do sigilo e confidencialidade, e arquivados por um período de 5 anos; após esse tempo serão destruídos.
- Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em encontros ou revistas científicas. Entretanto, ele mostrará apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar seu nome, instituição a qual pertence ou qualquer informação que esteja relacionada com sua privacidade.

Se houver alguma consideração ou dúvida referente aos aspectos éticos da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília – CEP/UniCEUB, que aprovou esta pesquisa, pelo telefone 3966-1511 ou pelo e-mail cep.uniceub@uniceub.br. O horário de atendimento do CEP-UniCEUB é de segunda a quinta: 09h às 12h30 e 14h30 às 18h30. O CEP é um grupo de profissionais de várias áreas do conhecimento e da comunidade, autônomo, de relevância pública, que tem o propósito de defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e de contribuir para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

Também entre em contato para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo.

Ao assinar abaixo, você confirma que leu as afirmações contidas neste termo de consentimento, que foram explicados os procedimentos do estudo, que teve a oportunidade de fazer perguntas, que está satisfeito com as explicações fornecidas e que decidiu participar voluntariamente deste estudo. Uma via será entregue a você e a outra será arquivada pelo pesquisador responsável.

Caso tenha qualquer dúvida sobre a pesquisa, incluindo os danos possíveis, entre em contato com o pesquisador responsável Amanda Vaz, pelo e-mail amanda.avaz@ceub.edu.br, e com os pesquisadores assistentes Giovana Baliza Peixoto pelo telefone ou pelo e-mail giovana.baliz@sempreceub.com.

Eu, _____, após receber a explicação completa dos objetivos do estudo e dos procedimentos envolvidos nesta pesquisa, concordo voluntariamente em fazer parte deste estudo.

Brasília, 29 de Março de 2024.

Participante

Amanda Maria de Albuquerque Vaz, amanda.avaz@ceub.edu.br

Giovana Baliza Peixoto, (61) 998648018, giovana.baliz@sempreceub.com

Endereço dos(as) responsável(eis) pela pesquisa
--

Instituição: Centro Universitário de Brasília - UniCEUB Endereço: Avenida das Araucárias, Rua 214 Lote 1/17, QS 1 - Taguatinga Bloco: /Nº: /Complemento: Bairro: /CEP/Cidade: Brasília - DF, 70790-075 Telefones p/contato: (61) 3966-1201 / (61) 99856-8742
--